

A FUNÇÃO DA CULTURA

Marcos de Noronha

RESUMO: Em outra oportunidade, quando publiquei o artigo "Distúrbios Específicos de Culturas" (NORONHA, 1993), o objetivo era mostrar que elementos étnicos e culturais determinam as características de alguns distúrbios psiquiátricos. Citei como exemplo, a "Histeria do Ártico" com características distintas, conforme a região enfocada, numa roupagem dificilmente comparável a qualquer outro quadro histórico no ocidente. Neste presente artigo minha intenção é mostrar como a dela para também recuperá-lo.

PALAVRAS – CHAVE: Características, Elementos técnicos, Distúrbios psiquiátricos e Quadro histórico.

ABSTRACT: On another occasion, when I published the article "Specific Disorders of Cultures" (NORONHA, 1993), the goal was to show that cultural and ethnic elements determine the characteristics of some psychiatric disorders. Quoted as an example, the "Arctic Hysteria" with distinct characteristics, depending on the region focused on appearance hardly comparable to any other frame hysterical in the West. In this article I intend to show like hers to retrieve it.

KEYWORD: Characteristics, technical elements, psychiatric and hysterical Framework.

Um antropólogo alemão, Adolfo Bastian, observou que em todas as mitologias e sistemas religiosos do mundo, e em qualquer época da história, apareciam os mesmos temas constantemente. Ele denominou isso de idéias elementares (Elementargedanken). Concluiu também, que esses temas apenas sofriam uma roupagem diferente, conforme a etnia em questão. Uma determinada etnia tinha uma maneira peculiar de apresentar seus mitos e de aplicá-los naquela sociedade. A esta diferença, geralmente tão valorizada pelos etnólogos e historiadores, Bastian denominou idéias étnicas (Volkgedanken).

Temos então duas formas distintas de abordarmos o ser humano: a primeira tentando entender porque essa universalidade do comportamento do homem: e a segunda interpretando essa roupagem étnica e analisando a utilização de seus mitos por cada sociedade. Com essas reflexões pretendo aqui conhecer melhor a psicologia do ser humano, nos seus aspectos instintivos e universais e ao mesmo tempo analisar os sistemas desenvolvidos pela sociedade que poderiam realmente atender as necessidades humanas, promovendo equilíbrio e saúde.

Em outra oportunidade, quando publiquei o artigo "Distúrbios Específicos de Culturas" (NORONHA, 1993), o objetivo era mostrar que elementos étnicos e culturais determinam as características de alguns distúrbios psiquiátricos. Citei como exemplo, a "Histeria do Ártico" com características distintas, conforme a região enfocada, numa roupagem dificilmente comparável a qualquer outro quadro histórico no ocidente. Neste presente artigo minha intenção é mostrar como a dela para também recuperá-lo.

IDÉIAS ÉTNICAS

"Max Weber" acreditava ser o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Dificilmente ele poderia ser compreendido separado desses significados, ou seja, de sua própria cultura. Por sua vez, esses significados não são particulares a cada indivíduo, mas sim, públicos. Cada indivíduo adquire-os do seu grupo. As utilizações desses significados são diversas: (1) podem ser as orientações que um povo precise para enfrentar problemas previsíveis em sua sociedade, como por exemplo, situações importantes decorrentes de mudanças diante do casamento, nascimento ou morte; (2) podem ser técnicas para ajustar o comportamento entre os elementos daquela sociedade, como também, com sociedades estrangeiras; (3) ou podem apenas ser esses significados, um modo de vida de um povo, sua forma de pensar, sentir e agir. Visto dessa maneira, a relação do homem com sua teia de significados, revelamos praticamente sua

complexidade. Portanto esse contexto de significados, essa cultura, ou essa sub-cultura, acabam moldando o comportamento humano, de tal maneira, que uniformiza suas expressões.

Se, por exemplo, ligarmos tarde da noite a TV Record, vamos observar-nos diversos pregadores da Igreja Universal, algo em comum em suas expressões. Esse estereótipo certamente não foi adquirido através da orientação da "cartilha de pregadores", mas através da imitação de um de seus líderes. Outros comportamentos, jeito de vestir, conteúdo principal do discurso, podem ser antecipados numa mesma comunidade, se estivermos nos referindo, por exemplo, a um grupo que segue unia determinada religião, ou membros de uma tradicional família, ou profissionais de um determinado ramo. Num posto rodoviário, dois ônibus, com duas excursões distintas se encontraram. Um deles levava um grupo de artes cênicas para um festival de teatro e o outro ônibus levava alunos de música clássica e seus familiares. Não foi difícil para eu suspeitar quem pertencia a um grupo e quem pertencia a outro, após observar o comportamento e a maneira de se vestir de cada um.

Muito bem, se a cultura é responsável também pela diversidade do comportamento do ser humano; ou ainda, se em menor dimensão, unia sub-cultura ou unia teia de significados nunca comunidade pode influenciá-la, nós já sabemos. Mas o que é inerente ao homem, independente desta roupagem?

IDÉIAS ELEMENTARES

As idéias elementares estão presentes em toda parte, não importando nem raça e nem o tempo. Esses traços "elementares" já apareciam na pré-história do homem, aparecem nos livros de ficção e possivelmente farão parte também do nosso futuro. Joseph Campbell (1990) relata que a mandíbula de uni javali encontrada em Israel há 60.000 a.C. numa sepultura, pode já significar uma oferenda sacrificial. Isso equivale dizer, que na pré-história, o homem de Neandertal possuía traços no seu comportamento que ainda observamos no homem moderno.

Se alguns comportamentos humanos persistem no tempo, me

pergunto então, sobre a possibilidade da cultura estar fazendo parte da vida do homem desde o seu aparecimento, e para ele, oferecendo elementos e instrumentos que permitem sua adaptação ao meio ambiente. Linton (1977), o falar sobre as características fundamentais da sociedade humana, diz que o homem não pode sobreviver aos riscos da infância, ou satisfazer suas necessidades de adulto, sem a ajuda e a cooperação de outros indivíduos. Se remontarmos há cerca de 4 milhões de anos, até os Austrolopithecíneos (homens macacos inicialmente encontrados na África do Sul) e acompanharmos a evolução dos hominídeos desde então, veremos que não somente variações genéticas e seleção natural foram contribuindo na adaptação do homem. Quando este desenvolve maior capacidade mental, inclusive com aumento de sua capacidade craniana, ele desenvolve melhor forma de comunicar seus costumes e soluções já adquiridas frente às intercorrências da vida. Por exemplo: o desenvolvimento de vestimentas; armas para a caça; sistema de transporte; tecnologia para enfrentar doenças, armazenar e se utilizar do conhecimento. Esse desenvolvimento concorre, talvez, com a necessidade do organismo humano de lançar mão de variações genéticas no decorrer do tempo para sobreviver. A espécie é preservada então por outros meios.

Até certo ponto não podemos desprezar as "idéias elementares", mesmo na pré-história. São exatamente os elementos que nos permite, por exemplo, atribuir a determinado grupo de animais, o termo hominóide. Mesmo com as recentes descobertas que abalaram as teorias existentes à respeito da origem do homem, dando uma noção mais complexa de sua evolução, ao invés daquela linear de primatas se desenvolvendo e tornando-se eretos, ainda não descartarmos que o homem possui elementos comuns. Na teoria multirregional sobre a origem da espécie humana, a passagem Homo erectus/ Homo sapiens aconteceu em vários pontos do nosso planeta, e não à partir da África há 200 mil anos, se espalhando pelo mundo pela emigração, como se pensava. Seriam os contatos eventuais entre os grupos, no decorrer de sua história, que manteria a unidade da espécie, disseminando padrões comuns? Não sei dizer, mas se os problemas são existenciais é mais fácil prever sua universalidade, e as soluções, se são humanas, pertence a cada grupo, e são diversas uma das outras.

VISÃO ECOLÓGICA

Uma moderna maneira de abordar o comportamento humano de uma forma interdisciplinar é denominada de Ecologia Humana. Ela tenta suprir as limitações de disciplinas, que isoladamente não conseguem responder a importantes questões neste terreno. Sua abrangência inclui o estudo de aspectos simbólicos, dos fatos sociais vistos numa diferente perspectiva, e sua relação com a cultura. Alguns autores chegam a falar em Ecologia da Saúde Mental ao se referirem ao doente mental numa ótica psicocultural (KENSEN, 1993).

Da mesma forma que o contexto onde vive o homem pode influenciar seu comportamento, pode também determinar ou caracterizar suas doenças. Numa perspectiva ecológica se realça a variada gama de elementos aos quais estão expostos os homens. Esta visão combate também o pensamento unifatorial, na interpretação da etiologia das doenças. O modelo linear de causa e efeito, agente patogênico e doença do hospedeiro, tornou-se tradicional em todas as áreas da medicina, mas também frustrou tentativas de compreensão de diversas doenças.

O pensamento unifatorial não consegue explicar o câncer, a esquizofrenia, a obesidade e as coronariopatias, embora influencie os estudos efetuados sobre elas. O reconhecimento de fatores nutricionais, ambientais, psico-sociais e culturais como relacionados com o tipo de gravidade da doença, leva-nos a um raciocínio multifatorial do processo. Os elementos agressores ao homem podem ser variados como: o clima, as condições do solo; as poluições do ambiente: a qualidade dos alimentos e as condições de higiene. A aproximação da psicologia à arquitetura debate sobre as condições da habitação como: características da estrutura, claridade, espaço, ventilação, presença de elementos de identificação cultural e sua influência sobre a saúde humana.

A cultura deixa seu rastro sobre sintomas de algumas patologias, assim como influencia a solução que se dá a elas. O fato de, numa etnia no Senegal, o grupo se manter integrado ao lidar com a

doença mental, faz com que a segregação e a discriminação sejam minimizadas, e tem como resultado uma incidência insignificante de quadros crônicos de psicoses esquizofrênicas. Por outro lado, o hábito do gaúcho de tomar chimarrão a uma temperatura elevada, traz como consequência uma significativa taxa de carcinoma de boca e esôfago nessa população.

Evidentemente não só o ambiente influencia o homem, como este também altera seu meio. Como exemplo, os Shuars do Equador, habitando uma região privilegiada de mata e rios, com a influência ocidental, alteraram a maneira de cultivar a terra. Sua tecnologia simples e seus costumes anteriores não comprometiam o ecossistema, mas a substituição dos bosques pelos pastos na criação de gado e a utilização de outros espaços para plantio de alimentos, acabaram por alterar seu ecossistema e com isso as condições dos Shuars não tiveram uma melhoria evidente (NORONHA, 1994).

A FUNÇÃO DO MITO

Mas o homem é tão envolvido com seu contexto cultural - em seu sistema simbólico e em seu ambiente, que segundo Clifford Geertz ele não pode se separar, o que compromete a idéia de uma natureza constante e uma universalidade dos padrões culturais. Nenhum "costume" pode ser facilmente considerado ao homem em toda história e em qualquer raça, dificultando-nos a encontrar os traços culturais essenciais à existência humana. Como cientistas, biólogos ou psicólogos tendemos, na antropologia, encontrar padrões invariáveis na cultura humana, assim como no iluminismo, ou mais recentemente, como pretende Campbell (1959). Mas as questões existenciais, sendo comuns a todo ser vivo, estabelece nessas ações em busca de alimentos, outras de comodidade. Também em todo ser vivo, uma outra força interfere em seu comportamento e tem como objetivo, manter a espécie. Quando estamos analisando especificamente os animais, alguns sistemas de transmissão do aprendizado são questionados, como por exemplo, informações transmitidas geneticamente, congenitamente ou durante o convívio familiar, mesmo que de forma inconsciente. Já o homem, com sua complexa capacidade mental, se

utiliza de um sistema, também complexo, para transmitir conhecimentos que venham facilitar seus descendentes diante de questões básicas da existência humana. Porém, o universo do homem não se resume somente a sua sobrevivência, pois ele tem ambições que variam conforme a etnia, a história de seu grupo e cada indivíduo. Seguindo esse raciocínio, podemos prever as enormes variações do comportamento humano se enfocarmos diversas etnias. Além disso, esse mesmo comportamento varia, na mesma etnia, com o tempo.

Numa etnia ainda circunscrita numa determinada região, onde o ocidente ainda não conseguiu realizar modificações importantes e esfacelar seus costumes, é possível encontrar exemplos claros de simbologias e mitos criados para prevenir os descendentes de situações de perigo. Num recente e interessante estudo sobre os Kaxinawás (LAGROU, 1991) a autora analisa o contato, no passado, desse grupo com os Incas e a repercussão deste contato para aquele grupo. A visão do cosmos e os valores desses dois povos são diferentes. Os "Huni Kuin", como se autodenominam os Kaxinawás, habitam a região do Acre e se estendem até o pé dos Andes, no Peru. Eles encaram muitos objetos e fenômenos com certo encantamento que denominam de "Yuxim". O "Yuxim" é algo tão comum e inerente a situações especiais que não pode ser considerado sobrenatural, ou sobre humano, como o homem ocidental costuma determinar os aspectos espirituais. Na visão dos Kaxinawás a natureza tem intencionalidade e ela não pode estar separada do "Yuxim".

Os Incas tiveram seus contatos no passado com os Kaxinawás e estão presentes em suas estórias mitológicas. Uma destas estórias fala de uma época onde a "rata parteira" não havia ensinado os Kaxinawás a facilitarem o parto com ervas e outras técnicas. Eles habitando o pé dos Andes, recorriam a um Inca, que cortava a barriga da mulher na hora do parto, que conseqüentemente morria e era levada por ele, enquanto a tribo ficava com a criança. Um dia os Kaxinawás se cansaram desta situação, dos hábitos canibais e da avareza daquele povo, e resolveram se embrenhar pela mata adentro e ficarem na sua ignorância, mas longe de seus aliados.

É surpreendente para o mundo a cultura Inca e suas cidades incrustadas nas montanhas. Sabemos que eram povos agricultores e que desenvolveram grande tecnologia e dominaram povos vizinhos. Mas, sem entrar nesses méritos, vamos analisar os recursos desenvolvidos por um grupo étnico,

que através de seus mitos e sua história, tentam se preservar. Entre os Kaxinawás, aquele que casa com uma mulher, deve trabalhar para os sogros, junto a sua esposa morar com eles, ou pelo menos próximo, e compartilhar sua caça com a família da mulher. O Inca, que em sua desenvolvida civilização, tinha o costume de compartilhar sua produção com o estado e o clero, quando se casava com uma Kaxinawás, não permanecia naquela tribo, levava-a consigo para os Andes e não queria saber mais dos parentes da esposa. Mesmo que atualmente a figura no Inca não ameace mais a integridade deste povo, é ela que aparece na estória mitológica dos Kaxinawás, mostrando a função do mito de fazer refletir quanto a certas ameaças do estrangeiro.

Hoje o estrangeiro que age como o Inca de outrora, é o homem branco (entre os quais estão incluídos também os negros) do Brasil e do Peru, desde seus primeiros contatos. Os mitos mudam numa determinada etnia, com o passar do tempo. Por ocasião de sua pesquisa de campo, a já citada autora, recebeu resistência de alguns Kaxinawás, que não queriam lhe ensinar sua língua. Alegavam que não adiantaria se ela iria depois levar com ela esses conhecimentos, surgiram assim que ela se casasse com um "Huni Kuin" e permanecesse definitivamente na aldeia.

Nesta etnia observamos como os membros exercitam o contato com a natureza e seu grupo e o valor que é dado a ele. Este movimento é essencial para o equilíbrio do indivíduo com seu grupo e do grupo com a natureza. Em vários exemplos: quando um aprendiz não come da primeira caça com risco de ter problemas; a criança é chamada em termos de parentesco para ter noção de sua família; o aprendizado de papéis sexuais e papéis próprios a faixa etária (o menino só é considerado caçador de verdade depois de abater uma caça grande; os avós maternos moram na mesma casa e deixam de ir à roça para cumprir a função de olhar e ensinar as crianças) nós observamos uma organização que terá como resultado, a manutenção da integridade do grupo. Muitas atividades são realizadas em grupo, como num mutirão. Assim como um Sioux reza para que a alma da caça volte em outro animal, mesmo no meio da abundância de alimentos, na Amazônia um Kaxinawá reza para a palmeira antes de cortá-la, pedindo licença para pegar seus frutos.

A FUNÇÃO DOS RITOS

De modo geral é durante "ritos de passagens" que a sociedade empresta a seus membros, um conhecimento que poderá ajudá-los nas "passagens" de momentos cruciais da vida, ou pelo menos, amenizar a ansiedade frente a questões desconhecidas, como: de onde viemos e para onde iremos após a morte. Os ritos se utilizam de uma mitologia antiga ou renovada, conforme a evolução histórica daquela sociedade. Então, numa linguagem simbólica, a ordem das coisas, a estrutura social é relembrada durante o rito. O rito não é, portanto e simplesmente uma festa comemorativa, mas a repetição de um saber e ao mesmo tempo, a oportunidade dos membros daquela sociedade, de imergirem através das danças, dos cantos, das vestes, das pinturas e de outras expressões, no próprio significado das coisas. É por isso que o rito se torna eficiente. As sociedades se modernizam, mas não abandonam totalmente alguns de seus ritos.

Recentemente, numa solenidade de formatura da Universidade Federal de Santa Catarina, as vestes do reitor e formandos, os discursos proferidos, os repetidos gestos na entrega de cada diploma e a presença dos parentes dentre o público, fazem lembrar as "passagens" das sociedades não tecnificadas. Os formandos, naquele momento eram o centro da atenção naquele universo, numa experiência existencial, recebendo votos de sucesso, felicidade e responsabilidade. Na solenidade os formandos iam sendo lembrados do esforço que fizeram e prevenidos das dificuldades que a sociedade ainda lhe traria no exercício de suas profissões. Alguns autores, com ampla visão dos processos que podem acarretar um distúrbio psicopatológico, atribuem a cultura os mecanismos compensatórios da sociedade frente a sucessivos choques e perdas. Barreto (1993) recentemente explicou que, a medida que os mecanismos culturais estão sendo destruídos com o advento da modernidade, os tratamentos biológicos se impõem. Ainda esse autor alerta para a importância de se considerar os aspectos culturais no tratamento para recuperação e integração do indivíduo. O luto, por

exemplo, é um ritual da qual a sociedade moderna vem deixando de dar o seu devido valor. É através do luto, que o indivíduo se expõe a sociedade e tem a chance de seu compadecimento, como também de receber dela a experiência para enfrentar a importante perda.

Para entender um rito e seus elementos míticos utilizados, é preciso antes entender a cosmovisão da sociedade em questão. Os ritos, como técnicas educativas, trazem orientações a maternidade e vão conduzir a criança, nas iniciações progressivas, até o homem adulto. A função essencial do rito é atingida através da participação do coletivo e da evocação do religioso, expresso pelo mito, esclarecendo a posição do iniciado no contexto social e cósmico. Ainda na solenidade de formatura, anteriormente citada, o governador, em seu discurso, valorizava o fato dos formandos terem feitos uma oração em grupo e agradecerem a Deus nos bastidores.

Henri Colomb, ao descrever os ritos numa sociedade senegalesa, conta que a mulher grávida tinha consciência dos perigos da gravidez e por isso se conformava em se proteger seguindo à risca as orientações dos ritos. Respeitava os alimentos proibidos e alterava sua conduta social e religiosa para se enquadrar na estrutura necessária para sua proteção. Se durante o parto, a primeira preocupação é fazer o bebê tocar a terra, as particularidades na maneira de cortar o cordão umbilical ou de tratar a placenta: o confinamento da mãe com o bebê, em sua casa, por 8 dias, só poderá ser compreendido se também soubermos sobre a visão do mundo daquele povo (essas informações são baseadas principalmente no trabalho "Psychiatrie de L'Enfant - Etudes Transculturelles" a disposição do Serviço de Etnopsiquiatria de Nice em 1984).

Dentre os Kaxinawás, já citados anteriormente, a autora descreve alguns de seus ritos de passagens:

O "txidin" cumpre a função de amenizar as saudades e a tristeza provocada pela perda, que poderiam comprometer a vitalidade da comunidade. É realizado, às vezes, após o rito funerário de uma morte importante. Esse ritual se utiliza de vestes, cantos e danças reforçando a fé e reforçando o ânimo do grupo;

O "katxanawá" é o rito da fertilidade. Os homens se vestem caracteristicamente,

representando os "Yuxim" (espíritos) da floresta e dançam ao redor de um tronco oco da paxiúba (katxa). Tanto os homens, como as mulheres, participam deste ritual, e os insultos

Maliciosos entre eles provocam risos e espírito festivo. A interpretação da autora dos objetos utilizados e do roteiro empreendido neste ritual traz elementos históricos da vida dos Kaxinawás e a incorporação a sua cultura, da experiência com outros povos;

A "festa do fogo novo" era a ritualização da renovação da fogueira. Antes da utilização do fósforo, o fogo era obtido através de unia técnica de fricção de uma vareta num pedaço de madeira em contato com gravetos ou palha seca. O ritual amostra a importância do fogo para aquele povo e a dificuldade de mantê-lo;

O "nixpupima". Durante a segunda dentição inicia-se este rito que prepara as crianças para seu futuro. Há uma diferenciação no tratamento de meninos e meninas durante o rito que dura vários dias. Enquanto que os meninos se preparam para, no futuro, terem contato

com a "yunidade" (espiritualidade), através de seu caminhar solitário pela floresta ou no uso de alucinógenos (nixi pae), a menina se prepara para no futuro fazer o mesmo contato, através do desenho (kene);

O "funeral" Kaxinawá é peculiar, mas comum entre os grupos Panos, na prática do endocanibalismo. Eles não enterram seus mortos que devem ser consumidos pelos parentes mais próximos. Não se come e nem se deseja ser devorado pelos estrangeiros e as partes sexuais são de direito ao conjugue que as prepara em separado e come com discrição. Nada pode sobrar do parente, até os ossos são consumidos ou destruídos. O motivo é para proteger os parentes do espírito, que ficaria na aldeia agarrado ao corpo do morto. Entre os Guayakis, no Paraguai, o comportamento é semelhante (CLASTRES. 1974), mas não totalmente igual aos Kaxinawás que já inicia o luto durante a refeição, onde se chora muito a perda do ente querido. Os homens soltam seu pênis (habitualmente amarrado) e as mulheres prendem seus cabelos; ambos pintam o corpo de negro.

O funeral pode ser tão importante para um povo que quando um grupo

de Yanomamis foram chacinados e enterrados na fronteira do Brasil com a Venezuela, a aldeia, que foi avisada por um sobrevivente, arrisca a vida de seus membros, indo até o local. Lá desenterraram seus parentes e os levaram até a aldeia para a realização do funeral onde os corpos são cremados. Como já citei anteriormente, qualquer rito esta intimamente ligada a cosmovisão de seu povo. Ruth Benedict (1934) narra curiosos comportamentos no luto dentre os Kwakiutl, onde os parentes de sangue do morto infligem punições ao esposo sobrevivente, por ter causado a morte de um de seus membros; a compensação dentre os esquimós, onde o assassino substitui o lugar deixado pelo morto, para compensar e reparar o dano causado à viúva de sua vítima (neste caso a tradição seleciona que reparar os riscos proporcionados pela perda é mais importante e ajuda os prejudicados a revelarem os outros sentimentos). Em algumas tribos da Austrália, não praticantes do endocanibalismo, os parentes tentam persuadir a ação dos espíritos dos mortos, fragmentando seus crânios em pedacinhos ou quebrando-lhes os ossos das pernas.

SISTEMA SIMBÓLICO

Uma característica humana confirmada em qualquer etnia é de viver em grupo. Toda sociedade é um agregado organizado de pequenos grupos. A transmissão dos padrões culturais aos membros dessa sociedade é uma atividade diversa, conforme a sociedade, porém constante, e como já dissemos, com funções de permitir a seus membros de enfrentar os problemas da vida. Esses traços culturais são tão essenciais para o homem, que mesmo em face de uma aparente uniformização dos costumes através dos meios de comunicação, as diferenças ainda persistem entre os povos.

Geertz (1973) afirma que o estudo da cultura é uma ciência tão positiva como qualquer outra, se desenvolvermos critérios para uma investigação empírica sistemática. E que é por intermédio de padrões culturais, esse conjunto de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos, através dos quais, ele vive. O estudo da cultura seria então, o estudo dos instrumentos utilizados pelo homem para se orientar no mundo em que vive. Geertz fala como as

estruturas simbólicas ajudam as pessoas a se perceberem como são: indivíduo como representante de certa categoria distinta.

Partes destas estruturas simbólicas são centradas no Ego, como por exemplo, o estatus determinado pelo parentesco com um membro específico da sociedade (chefe; ladrão; rico). Outras estruturas

Em simbólicas se valem de outros sistemas, como faixa etária, categorias ocupacionais, etc. O mundo cotidiano é habitado por membros personalizados e que querem ser reconhecidos como tal. Em qualquer categoria social ou ocupacional, essa diferenciação é reivindicada. Não está na natureza das coisas a origem desse sistema simbólico, mas na história daquela sociedade. Esse sistema é mantido socialmente e aplicado a cada indivíduo. Linton (1977) faz uma relação do papel da cultura na formação da personalidade dentro de um contexto complexo. Portanto há um movimento claro e constante da estrutura social, influenciando a personalidade dos membros de sua sociedade, que por sua vez, também alteram a cultura e a estrutura social.

A capacidade de resposta do homem é extremamente generalizada e variada e isso significa que o padrão particular que seu comportamento assume é guiado, não por gabaritos genéticos, mas sim culturais. Por mais que os lagans e outras tribos indígenas que habitavam a Terra do Fogo no extremo sul da América, tenham um metabolismo basal aumentado, determinado por questões genéticas, são seus conhecimentos transmitidos através de seus padrões culturais, que lhe permitiam enfrentar a inhospitalidade do clima e a escassez de alimentos, procurados a custo de muitos riscos. Da mesma forma, os Bosquímanos enfrentam uma situação inóspita oposta, no deserto do Calahári na África onde a escassez da água e da caça é remediada pelos ensinamentos que a cultura lhe proporciona através de rituais e de costumes, que facilitam sua adaptação.

A CULTURA E A TERAPIA ATRAVÉS DA ARTE

Franz Boas (1858 - 1942), grande precursor dos estudos etnológicos, deu entre suas primeiras obras, um espaço para a arte (BOAS 1928). Muitas vezes é através das obras de arte que temos contato com os mitos de um determinado povo. Portanto a obra de arte exprime, em linguagem simbólica, idéias filosóficas e religiosas de uma determinada amostra da sociedade. Para analisarmos o conteúdo simbólico das obras de arte, o melhor é conhecermos a história e os costumes do grupo que a produz. É através da arte, quer seja ela plástica, musical ou cênica, que a sociedade questiona e critica a condição humana. Na obra de arte tanto encontramos os valores individuais do criador, como valores que fazem parte da cultura de seu grupo. Nietzsche, em "Humano, Demasiado Humano", atribui a arte a função de tornar-nos mais suportáveis e se possível agradáveis uns aos outros.

Porém a obra de arte não só traz traços culturais no conteúdo específico do objeto apresentado, como também determina peculiaridades na forma da produção artística. Werner (1987) comentou sobre a tendência das pessoas num coral no ocidente de quererem sobressair com sua voz, em comparação com uma população na Polinésia, que pareciam cantar em conjunto instintivamente.

Na área da saúde, principalmente na psiquiatria, o conteúdo simbólico das obras de arte passou a ser analisado como outra fonte de informação sobre os valores e a problemática dos pacientes. Assim como os sonhos eram analisados, com critérios semelhantes, também as obras de arte eram analisadas, considerando o conhecimento psicanalítico. Muitos pacientes já tiveram suas obras valorizadas e as pessoas se surpreendiam com a criatividade e talento destes, que comumente trazem uma acentuada dificuldade de comunicação.

Se a cultura passou a fazer parte da vida humana desde há pré-história, a arte plástica também já a acompanhava. Mas foi somente no século passado que estudiosos passaram a fazer, de forma mais criteriosa, analogia entre obras de arte (de crianças ou de alienados) e seus valores, conscientes ou inconscientes. O "não dito" diretamente

através do discurso aparecia às vezes através da criação artística e podia ser interpretado pelo analista.

Durante o processo de transformação e humanização dos hospitais psiquiátricos, os espaços livres deixados pelo esvaziamento do hospital, eram preenchidos por instalações de oficinas de arte. Essas oficinas tinham finalidade terapêutica, melhorando o convívio e a comunicação dos pacientes. Num Manicômio Judiciário de Santa Catarina tive a oportunidade de aplicar a "ação cultural" durante um período, naquela população, e levantar algumas hipóteses sobre seus efeitos. Tratava-se de um projeto supervisionado pelo governo federal, com oficinas de informação cultural, artísticas e iniciação profissional. As oficinas artísticas eram compostas por atividades de artes plásticas, cênicas e musicais. É comum, pela aparência física e comprometimento da saúde do confinado, que se duvide de seu potencial e os resultados acabam surpreendendo, dentre os efeitos que estas atividades podiam proporcionar tínhamos a absorção das expressões criativas e a canalização dos sentimentos hostis do paciente. Isso diminuía sua tensão e ansiedade e proporcionava uma menor necessidade do uso de medicações ansiolíticas. Este tipo de atividade contribuía para a humanização do ambiente hospitalar e preenchimento dos momentos ociosos tão angustiantes para o confinado. Já, naquela ocasião, de aplicação do projeto, procurei utilizar da arte como forma de resgatar valores individuais e culturais, que durante o isolamento tendemos a perder, assim como também, nossa identidade. Era um jeito, encontrado pelo condenado, de ser escutado e reconhecido como pessoa através de sua obra.

O incentivo a uma produção artística é ao mesmo tempo a criação de uma outra alternativa de expressão e comunicação. A "ação cultural" não é simplesmente uma atividade de lazer, mas considerando o trabalho de produção e exposição da obra, é também uma atividade socializante. Ela aproxima o paciente do que há além do muro da instituição, como traz mais próximo a sociedade do elemento segregado (NORONHA, 1993).

A "Encyclopedie Médico-Chirurgicale" em 1994 publicou um artigo sobre arte terapia que mostra o reconhecimento pela medicina, da

importância da utilização da arte para a recuperação da saúde. Descrevem que nos EUA o arte-terapêutica já é reconhecido há mais de 20 anos (ESCANDE e col., 1994).

A Etnopsiquiatria se propõe estudar o homem na sua relação com a natureza e sociedade. Para isso se utilizam de seus hábitos, costumes, pensamentos e crenças. Esse entendimento é a condição necessária para se aprimorar técnicas de abordagem terapêutica, que poderia abreviar a recuperação do cliente. Assim como temos aperfeiçoadas técnicas para trabalharmos com os traços de caráter do indivíduo em psicoterapia, poderíamos desenvolver melhor técnica onde nos utilizaríamos também de seus padrões culturais. Na prática isso significa que o psicoterapeuta se utilizaria os recursos culturais do cliente, como é observado na abordagem corrente de algumas medicinas paralelas (NORONHA, 1991), e no tratamento, consideraria também o ponto de vista de outro elemento do seu meio, de preferência, aquele que o analisado escolhe como seu confidente. Assim como a arte é a materialização do pensamento e o que se pensa, a dinâmica da relação do cliente com as principais pessoas do seu convívio é a caracterização dos elementos de sua estrutura de caráter e ao mesmo tempo do recurso que ele dispõe para a sua recuperação (ELKAÏM, 1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO. A. - "Depressão e Cultura no Brasil". J.bras. Psiq. 42 (supl. 1): 13S-16S. 1993.
- BENEDICT. R. - "Patterns of Culture". Houghton-Mifflin. Boston. 1934.
- BOAS. F. - "Primitive Art". Dove publications. EUA. 1955.
- CAMPBELL. J. - "As Transformações do Mito Através do Tempo". Cultrix. São Paulo. 1990.
- CAMPBELL. J. - "As Máscaras de Deus". Palas Athena. São Paulo. 1959.
- CLASTRES. P. - "Chroniques des Indiens Guayakis". Librairie Plon. France. 1974.
- LAGROU. E. - "Uma Etnografia da Cultura Kaxinawá Entre a Cobra e o Inca". Univ. Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1991.
- ESCANDE. M. et col. - "Art-Therapie - Aspects Comuns et Spécifiques des Différentes techniques". Encyclopedie Medico-Chirurgical (Paris) 37-820-B-60. 1994.
- ELKAÏM. M. - "Les Pratiques de Réseau". ESF. Paris. 1987. GEERTZ. C. - "A

Interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro. 1973.

KEUSEN. A.L. e col. - "Ecologia. a Ciência dos Excluídos". J bras. Psiq. 42(7): 387-392. 1993

LINTON. R. - "Le Fondement Culturel de la Personnalité". Bordas. Paris. 1977.

NORONHA. M. - "Distúrbios Específicos de Culturas". J bras Psiq 42 (5): 279-284. 1993.

NORONHA. M. - "A Doença a Cultura e o Ambiente". Insight - Psicoterapia. 43. 1994.

NORONHA. M. - "Considerações Sobre Ação Cultural em Ambiente de Confinamento". Insight -Psicoterapia. 33. 1993.

NORONHA. M. - "Medicinas Paralelas". J bras Psiq 40 (2): 89-93. 1991.

WERNER, D. - "Culturas Humanas". Vozes. Petrópolis. 1987.

Marcos de Noronha. Psiquiatra — psicoterapeuta / Presidente da Associação Brasileira de Etnopsiquiatria Av. Othon Gama D'Eça, 900 — sala 903 / 880 1 5-240 Florianópolis/SC — BRASIL

Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria, dia 26 de setembro de 1994. na Pousada do Rio Quente, Goiás.

Psiquiatra — psicoterapeuta / Presidente da Associação Brasileira de Etnopsiquiatria Av. Othon Gama D'Eça, 900 — sala 903 / 880 1 5-240 Florianópolis/SC — BRASIL

Fone/fax: 55-(048)-224 3275 [E-mail: abe@abe.org.br](mailto:abe@abe.org.br)